

pelo qual paguel um dinheiro.

— Leandro?

— Que é?

— Porque você não convida o José para um jantar amanhã em sua casa? Lá, você que é amigo dele, dá-lhe de beber bastante e vê se ele confessa alguma coisa. Você sabe que quando ele bebe, fica todo expansivo.

— Realmente não é má a idéia, Sônia. Vou falar com a Alba e depois com ele.

— Fale, Leandro, pois jamais poderei acreditar que o Zezinho fizesse uma coisa dessas comigo. A noite será um suplício terrível para mim olhar para o rosto daquele cínico e ficar calada.

— Contenha-se, porém, pois afinal as coisas não estão assim tão más, apesar de ter perdido o meu dinheiro. Você sabe que sempre amá-la-ei...

— Esta bem, querido. Vou desligar porque estou com uma dor de cabeça, muito forte. Até amanhã.

No dia seguinte, às oito horas da noite José, todo emperdigado no seu terno de cerimônia, tocou a campainha da luxuosa casa de Leandro. Ao seu lado, fascinante num vestido de seda negro, em que só contrastava o níveo busto e o rosto mais alvo do que de costume, embora sombreado por olheiras, estava Sônia.

Leandro abriu a porta, cumprimentando-os efusivamente.

O jantar transcorreu normalmente. Depois os homens retiraram-se para a sala de visitas, enquanto as mulheres subiam para o "toilette".

Decorrida meia hora de palestra, entremeada de bons drinques, Leandro e José ouviram um grito de mulher. Subiram apressadamente as escadas e, como houvesse luz no quarto de Alba, correram para lá. Leandro mal chegou até a porta, parou, porém, estarrecido, enquanto, José debruçava-se no seu ombro.

No interior do quarto, Sônia encontrava-se caída no chão desmaiada, enquanto Alba segurava com ambas as mãos, sem saber o que fazer e sem se dar conta com a causa da vertigem, o casaco de peles que Leandro comprara.

Homem e Mundo

ANDRÉ SUARÈS, O SOLITÁRIO DE PARIS

De EVARISTO DE MORAIS FILHO

HA solidão por amor ao próprio isolamento e solidão por ódio à sociedade. A primeira é a do santo, a segunda é a do misântropo. André Suarès, que andou por este mundo entre 1868 e 1948, está no segundo caso. Passou os últimos anos de sua vida isolado no centro da mais requintada e sociável cidade do mundo, lembrando o homem de Emerson, que permanece surdo no meio da multidão que grita ao seu redor. E a verdadeira solidão é esta, porque no deserto de Sahara ninguém é isolado porque deseja, tem-se de ser solitário por força, quer queira ou não. Mas trancar-se num apartamento, em pleno centro da cidade, ver a vida que vive embaixo, ouvir as vozes que sobem por entre os arranha-céus, o resistir à tentação, é ser solitário, é ser asceta. E' como o Paphnúcio, trepado numa coluna, ao relento, sem se alimentar, exposto à curiosidade pública. De nada adiantou, por exemplo, a Santo Antão fugir para as montanhas e para o deserto. As tentações não o abandonavam nunca, seguiam-no como lobos famintos. Quanto mais só, mais o freqüentavam as idéias más. Por toda parte estava o Diabo a rondar-lhe a porta, "Ah! démence! démence! Est-ce ma faute? La prière m'est intolérable! J'ai le coeur plus sec qu'un rocher! Autrefois il débordait d'amour!...", exclama o **Saint -Antoine**, de Flaubert.

Pois bem, Suarès viveu numa penitência voluntária e dolorosa, numa exaltação desesperada de todos os instantes. Espírito livre e nobre, nunca soube descer e confundir-se com a banalidade da vida que lhe espreitava à porta. Como o prisioneiro de Papini, trancou-se e entregou a chave da sua prisão a alguém que morreu ou a perdeu, porque nunca mais voltou para lhe abrir os caminhos do mundo. Esqueceu-se dele. E até os fins de seus dias permaneceu Suarès fiel a si mesmo e ao seu destino, à espera desse algum que não existe, num imenso suplício de orgulho e de sofrimento. Ali ruminou o seu ódio pela humanidade e preparou as suas armas para um combate de que poucos se aperceberam. Constituiu um combate de todas as horas: entre ele e o resto dos outros homens. Em cada transeunte que passava ele via um inimigo a rondar-lhe a porta. Em cada livreiro que o procurava ele via um espião a devasar-lhe a fortaleza. E nessa atmosfera fantástica de perseguição e de angústia, prosseguiu Suarès sempre triste e só, como quem luta com moinhos de ventos... Enquanto esperava o homem que vingou o gênero humano e fugiu com a chave, compôs música e estudou matemática. E talvez por isso, de propósito ou por esquecimento, ele nunca mais tenha feito a barba. Seus cabelos caíam-lhe até os ombros e a barba estendia-se em ponta, numa caracterização bíblica ou teatral de profeta perdido na supercivilizada Paris.

Suarès e Nietzsche foram duas vidas paralelas em inúmeros pontos, sendo que até a música os aproximou. E, interessante, como os grandes solitários amam a música ou a matemática! Beethoven também foi um grande solitário. Pascal foi outro. Parece que a música, como a mais universal das artes, os ajuda a suportar a solidão. Como os soldados, que levam álcool e açúcar para as grandes manobras nos Alpes, eles levam música e matemática... Mas Suarès foi um revoltado, que odeia a humanidade e confessa o seu ódio. Por não suportar a vida entre os homens é que ele viveu só. Beethoven, não. Ele era solitário pela surdez, que o proibia de se comunicar com os seus semelhantes. Mas como ele os amava! Que o digam as mulheres... O seu testamento de 6 de outubro de 1802 começa assim: "Ó vós, homens que me considerais ou me dizeis rancoroso, louco ou misântropo, como sois injustos comigo". Depois de se referir à sua enfermidade, acrescenta: "Perdoai-me pois, se me védes afastado, quando quereria misturar-me convosco".

Outros, como Papini, dizem ser solitários por amar demais a humanidade. Quando longe dos homens, em abstrato, ama-os

CONCLUI NA PAGINA 62